

plástico bolha

é involuntário



O vestido dela era amarelo feito cor de jabuticaba
feito Manuel Bandeira e sua voz anasalada
ao ler Pasárgada
e mesmo que fosse bonita, mesmo sendo bonita,
a leitura em voz alta, o som do poeta, era ainda
mais bonito quando só palavra impressa preta
pequena num livro velho folheado guardado
amarelado esquecido
a voz do poeta são letras

Beatriz Bastos

DESTAQUES

ENTREVISTA COM RUY ESPINHEIRA FILHO,
POR LUCIANO LANZILLOTTI

COLUNA ORÁCULO, COM TEXTO DE
MIRIAM SUTTER

DESAFIO POÉTICO:
LUZ, CÂMERA, VERSIFICAÇÃO!

POEMAS DE ALICE SANT'ANNA, CLARA BALBI,
ISMAR TIRELLI NETO, ANA GUADALUPE,
LAURA LIUZZI, DADO AMARAL, ANDRÉ CAPILÉ,
ANA BEATRIZ FERREIRA BATISTA,
DIEGO GRANDO & DOMINGOS GUIMARAENS

TEXTOS DE CLAUDIA CHIGRES,
JONAS SOARES LANA, MAURO FERREIRA,
MIGUEL DEL CASTILLO, ROSÁLIA MILSZTAJN
& SUELI RIOS

Cinco anos de **Bolha**

Bem-vindo a mais uma edição impressa do jornal literário independente **Plástico Bolha**. Ano quinto, número 28! Nesta edição, apresentamos com orgulho a prosa e a poesia dos melhores representantes da nova geração de escritores. Bolhas cinematográficas, narrativas, líricas e musicais. Para completar, o grande poeta Ruy Espinheira Filho estoura umas e outras em entrevista exclusiva. Está esperando o que para conferir por si mesmo? Boa leitura!

Obra em progresso

Como tudo evolui, não poderia ser diferente com o **Plástico Bolha**, a bolha literária que não estoura porque é plástica. Esta edição traz diversas mudanças e novidades, abrindo uma nova fase na vida do jornal. Nossos fiéis leitores encontrarão a volta de colunas clássicas, como a *Aos alunos com carinho*, editada do número 1 ao 18, agora retomada com texto da professora Claudia Chigres.

Colunas como as *Bolhas Geraes* não estão mais na edição, pois o jornal passa a estar aberto aos mineiros (ou a escritores de qualquer outro estado) em todas suas páginas. O mesmo acontece com a *Mulheres-Damas*, que tem seu conteúdo feminista diluído pela edição. Outras, como a coluna *Puzzles*, que investiga a relação entre a biografia e a obra de diversos pensadores, estarão de volta em breve.

As colunas *Desafio poético*, *Dobradinhas*, *Contos Insólitos*, *Clique-Aqui*, *Por dentro do tom*, *Notas no Plástico*, *Oráculo*, entre outras, continuam com a bolha toda!

Bolha Internacional

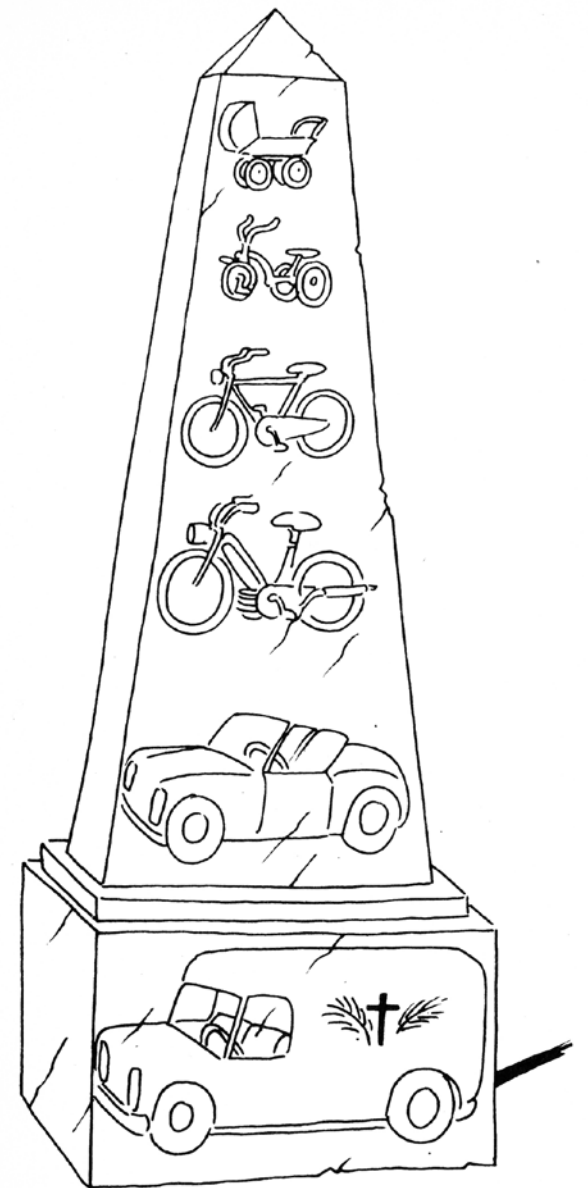
Navegando pelo relatório de visitação do site do jornal **Plástico Bolha**, é possível saber em que país nosso site é acessado. Fizemos uma listagem dos dez países onde, depois do Brasil, mais se lê o **Plástico Bolha** pela internet.

- 1- Estados Unidos
- 2- Rússia
- 3- Portugal
- 4- França
- 5- Alemanha
- 6- Espanha
- 7- Ucrânia
- 8- Itália
- 9- China
- 10- Irlanda

Descontrolados!

Achando que não vai conseguir esperar até a próxima edição? Calma! Até lá você pode conferir as novidades que vão pintando no mundo do **Plástico Bolha** no *Blog do Bolha* (www.jornalplasticobolha.blogspot.com) e em nosso site oficial (www.jornalplasticobolha.com). Acesse, estoure e relaxe!

ENVIE SEUS TEXTOS PARA
TEXTOS@JORNALPLASTICOBOLHA.COM.BR



Heinz Langer

EDIÇÃO Lucas Viriato

CONSELHO EDITORIAL Alice Sant`Anna | Gabriel Matos | Marilena Moraes

DIAGRAMAÇÃO Mariana Castro Dias

REVISÃO Marilena Moraes | Rafael Anselmé | Gabriel Matos

EQUIPE Márcia Brito | Beatriz Pedras | Gisele Lemos | Raïssa Degoos

WEBDESIGN Henrique Silveira

PLÁSTICO BOLHA AGRADECE Ana Chiara | Chacal | Marília Rothier | Paulo H. Britto | Pina Coco

EDIÇÃO Agosto/Setembro de 2010

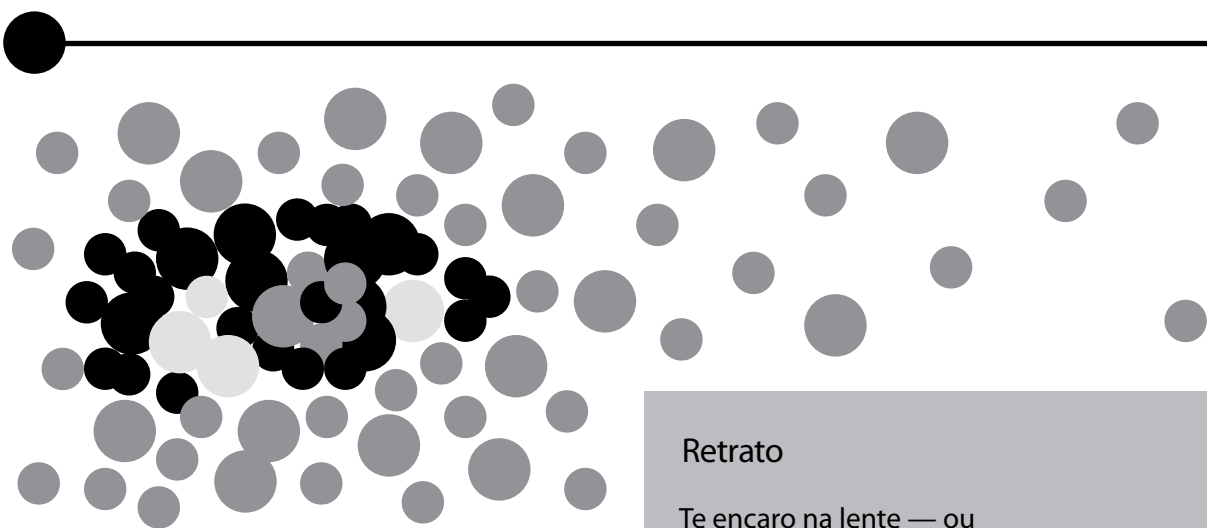
DISTRIBUÍDO no estado do Rio de Janeiro e nas cidades de Belo Horizonte, Vitória, Brasília, Salvador, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

TIRAGEM 13.000 | IMPRESSO na ZM Notícias

Em breve:

O melhor do
jornal **Plástico
Bolha** em livro!

Aguarde...



de quando virei desconhecida

vovó parece querer despir-se de
si aos poucos,
os olhos vítreos sem
dono e as mãos
desobedientes imóveis no
ar, a língua dormente de tanto
ter de engolir remédio
e minha surpresa quando
gagueja: quem é você?

Clara Balbi

poema na margem do caderno de física

o cair vaga
roso das
pálpebras durante
o sono interrompido,
parecem pe-
sar toneladas,
como os
pianos que
subitamente
despencam do
céu

Clara Balbi

Retrato

Te encaro na lente — ou
nos olhos?
Não é a vertigem do cinema
é mais despencar em sonho
sondar o oposto da paisagem
a um só tempo ínfimo e infinito
isento de contradição.
Não é olho, mas olhar
de exame, espionagem.
Fundo falso de olho mágico:
labirinto que aproxima.

Laura Liuzzi

Fábrica

Enquanto fabrica seu elefante
forjo a grafite uma cigarra
em momento final:
o coro e a couraça.

Componho sua aspereza
com eletricidade
das asas prismáticas
aos olhos de galáxia.

Registro nas patas
desesperada fixidez
— âncoras
para quem não quer partir.

Laura Liuzzi

Prestação de Contas

Conheço o jeito exato de fazer errado
perdido nesta teia que não tem enredo
(como bater na porta com a ponta dos dedos
como buscar um *bit* num banco de dados)

Conheço de cabeça o que não interessa
aos donos da verdade — este bilhar sem mesa —
(o rio não tem por que fugir da correnteza
a lesma só se arrasta porque não tem pressa)

Conheço pelo som o que não tem sentido
o que não tem segredo, o puro falatório
(os riscos nas paredes dos reformatórios
os traços de audiência dos desconhecidos)

Conheço por inteiro o meio do caminho
e até ali eu vou: depois dali não passo
(relendo folha a folha os mesmos calhamaços
ilhando-me no espelho a milhas dos vizinhos)

Conheço com frequência o que não passa nunca
e deixa marcas roxas no fio da navalha
(um pássaro acalenta tanto que atrapalha
um copo de aguardente, mais que alegre, trunca)

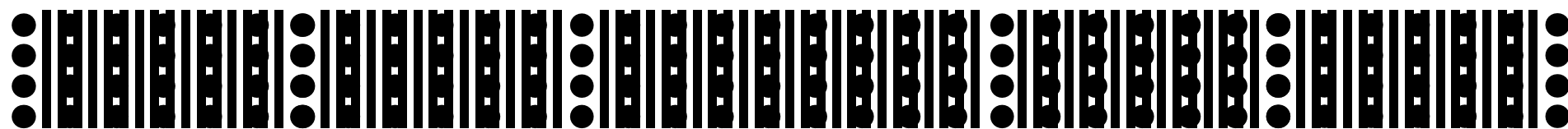
Conheço pontualmente a falta de horário
dos que me fazem falta nesse dia a dia
(atrás dos velhos álbuns de fotografias
atrás das folhas rasuradas dos diários)

Conheço e recomeço e logo mais esqueço
(no ouvido a mão em concha perguntando onde
na testa a mão em aba procurando longe),
pois tudo o que aprendi está do lado avesso

Diego Grandó

Erro

Erro ou erro nas errâncias do texto? Nas reenâncias, estrias, que, com ou sem vírgula, me tecem como aprendiz, que diz o que eu digo e contradigo. Erro ou nego a vírgula maldita que me incita a dizer o que não digo? Então contradigo. Erro por essas veredas cujos tons hesitam e então não digo. Então digo. Hesito, logo erro. Hesito, logo existo. Existo, logo erro. Existo, então hesito. (Dei as cartas). Erro e hesito. Erro e êxito. Êxito e errância. (Montei-me). Ensaio. Ensaio o erro. Ensaio o que nego e não digo, o que hesito e contamina. Porque se não erro, não hesito; se não erro, não existo. Onde a maldita vírgula? Onde erro, acerto o ponto, acerto o passo. Mas hesito. Então erro, visito, ensaio. Tento o não dito, experimento. Minto o que não digo, o que não sinto. Não minto quando me contradigo, quando quase sinto o que me contamina. Sina, sinal, ensina; ensina, ensaia. Ensaia na sala, no espaço que ensina, que incita, que conta, que mede, que pensa, que pede. Onde a maldita vírgula? Faço, refaço, prefácio. Refiro, prefiro, sugiro. Giro. Rodopio. Na rede, na sede, na verve que ferve, fervilha, vasculha, procura e não cede. Giro e duvido, miro e revido. Absolvido, luto no contrafluxo, na contramão do sim, do sempre, do nunca. Então o quase, o pode, o tente, o erre, o acerte, o texto, o ponto, a vírgula, o livro. Eu livro, tu livras, ele livra. Nós erramos. Vós ensaias. Eles tecem.



A História dos Seios — blusa

Ela fez em 2001. Eu em 2009. Acabamos na cozinha uma mostrando o peito para a outra. Ela vendia imóveis e eu estava querendo comprar um. Detestei o que ela me mostrou para comprar e ela quis ver o meu apartamento que eu estava vendendo.

Vimos e ela adorou. Ficou feliz ao ver um quadro de meu filho na parede — um importante pintor. Conte-lhe que era poeta e ela ficou fascinada. Disse que arranjaría um belo apartamento, logicamente menor, que era o que eu queria, e que eu continuasse a ter tanta inspiração como nesse meu, onde eu morava, tão diferente, tipo de artista. Disse-lhe também que gostaria de mudar minha vida, viajar, me divertir um pouco mais, já que tinha levado um grande susto com minha saúde. Acabei contando sobre a minha cirurgia. Ela muito me tranquilizou. Me contou que há oito anos havia feito a mesma cirurgia. Suas mamas estavam lindas. Me achou maravilhosa também. Nem parece que você fez essa cirurgia há cinquenta dias, disse-me ela abaixando a blusa.

Rosália Milsztajn

CLIQUE AQUI:

<http://autoreselivros.wordpress.com>

Eduardo Coelho é doutor em literatura brasileira, com tese sobre a poesia de Manuel Bandeira. Foi professor substituto da Faculdade de Letras da UFRJ e atualmente é coordenador da equipe do Arquivo-Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa. Seu blog, *Autores e livros*, traz artigos sobre os lançamentos do mercado editorial, divulgações de eventos e notícias sobre literatura.

<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/tempodeletras>

Simone Magno é a jornalista responsável pelo boletim *Tempo de Letras* na Rádio CBN. Também assina o blog do programa na internet. Atualizado constantemente, o espaço é uma ótima opção para quem quer ficar por dentro das últimas novidades do mundo da literatura.

<http://diahum.blogspot.com>

Dimitri Rebello, ou Dimitri BR, como é mais conhecido, iniciou esse blog no início de 2009, com a proposta de apresentar uma canção todo dia primeiro do mês. O *Diahum* apresenta videocanções muito interessantes, em que texto, som e imagem caminham lado a lado. Aproveite para votar em suas preferidas para o CD do *Diahum* que vem por aí!

Vale o clique!

CANTINELLA

MASSAS - MOLHOS - PÃES - DOCES

Entregas em Domicílio

Leblon: 2259-1498

Barra: 2431-9192

Laranjeiras: 2285-8377

www.massascantinella.com.br

Kpaz

MARKETING ESPORTIVO

CONSULTORIA DE NEGÓCIOS E MARKETING ESPORTIVO

AGENCIAMENTO DE CARREIRAS DE ATLETAS

EVENTOS CORPORATIVOS

CAPTAÇÃO E GESTÃO DE PATROCÍNIOS

Av. Luis Carlos Prestes, nº 180 / 3º andar – Barra Trade V Barra da Tijuca – Rio de Janeiro / RJ.
CEP: 22.775-055. Tel.55 21 2112 – 4909 / Fax. 55 21 2112 – 4601 / www.kpaz.net

Labirinto

I

Labirinto sem saída,
Te amo de um jeito simples:
Como um narcisista
Que se olha no espelho.

II

Teu rosto eterno retorna
Emaranhado de fios, novelo
De nove voltas sem saída
Que desfaço
Sete vidas fito um gato
Luminescente no sorriso
Vazio cruel e cariado
De uns dentes doces
Meu sexo

Teu rosto eterno retorna
Escorrendo por buracos, nos baixios
Se me penetra te devoro
Nove vezes sete mortes
Versus nove sem saída
Lascívia de heras na esteira
Mastigo as tripas e os espinhos
Nos teus cachos de parreira
Meu filho

Teu rosto eterno retorna
Retorcido nos escombros
Em movimento no *youtube*
Estático no jornal.
Na insônia redivivo
Teus nomes de desejo
O Google me devolve (obsessivo)
Silêncio perseguido
Meu surto

Teu rosto eterno retorna
Fulgurante como as trevas
Que escapa pelos olhos
Que engulo com os lábios
Farpas, pregos, língua, sapos
Coagulados na garganta (o nome)
Violento salto sem terra
Meu nunca

Teu rosto eterno retorna
Carregado de pústulas
Corroído por vermes
Descascado na tortura
Da imagem cultivada
Cicatriz no tempo
lâmina, o corpo num rosto
Forjado em incerteza
Meu deserto.

Ana Beatriz Ferreira Batista

Outro Verão

Toda vez que passo em frente àquela banca de jornal lembro que foi lá que você esqueceu dois maços de cigarros antes de ir para a praia. Lembro também que o calor úmido de janeiro não nos repelia, ao contrário nos atraía, porque nossos corpos grudados dissipavam o calor que nos consumia não por fora, mas por dentro. O mar azul, palavras que eu sussurrava em seus ouvidos e que eram perfeitamente compreendidas, apesar de não serem ouvidas. O sol agarrado aos telhados das casas, a música soando alta e continuamente pela sala, por toda a rua, por todo o verão. Suaves delírios, o gosto do sal pelo corpo, a cama desfeita, a algazarra das refeições, o ventilador girando, girando e minha cabeça, meus sonhos girando com ele. A chuva fria no meio da noite e outros cigarros mentolados sendo acessos no lugar daqueles esquecidos em cima do balcão de uma banca de jornais na esquina da Paulista.

Tânia Tiburzio

Desencontro

Você deve estar agora
andando por Copacabana,
chorando no chão da sala
ou desistindo de um livro chato.
Quisera eu estar agora
inteira sob teus quadris.
E estou — enquanto febres
atravessam-me enorme
e deslizo entre dedos e
mercúrio e memória
e a tua boca,
a tua boca.

Laura Assis

ETTORE

CUCINA ITALIANA

PÃES ANTEPASTOS MASSAS MOLHOS
PIZZAS SALGADOS DOCES TORTAS

De volta ao Leblon!
www.ettore.com.br

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D. Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ Tel.: 2493-5611 / 2493-8939
Rua Conde de Bernadote 26 - loja 110. Leblon - RJ Tel.: 2512-2226 / 2540-0036

Ciranda entre tangos

Me desculpe o entusiasmo, mas não é todo dia que encontro alguém assim tão medido, cabido, perfeito; e agora já bem sei que não adianta fugir, fingir neste verão tão repleto de fumaça e terças-feiras que você não existe nem olha pra mim.

À flor da pele, o tal fulano flautista ilustre experimenta cirandas e agudos para as tantas outras pernas que floream em roda, imundo o piso que gruda nos pés. Mesmo no salão cheio, estou um pouco sozinha; ensaio a cara de indiferença e já de prontidão aviso que não sei dançar: dois pra lá, dois pra cá; tem que soltar mais os ombros; segue meus passos; deixa que eu te levo. Prefiro sambar assim de longe; finge que não me toca. Desvio o olhar. Pode provocar que eu sou forte, madura e segura (de mim). Temos muito em comum; ele diz: “parece estranho, mas, com licença, posso te beijar?”

É claro que prudente seria pedir logo um táxi, sacar a chave de casa, bater a porta do quarto de persianas, lençóis, abajur. Ligar o ar-condicionado,

dormir de maquiagem, exausta, vazia e um pouco bêbada, como se nada nem ninguém pudesse ter tido a mínima ínfima chance de se aproximar um dia da minha heroica distância particular.

Em vez disso, pega meu telefone, recito afobada os oito números, repito para ter certeza, pode ser que ele ligue, quem sabe marcamos uma praia, vamos ao teatro, ao cinema, à ópera, ao raio que o parta; ou então não liga nunca mais, pediu por capricho, foi apenas solícito, estava sendo bem-educado.

Esquece, eu sou só uma trepada em potencial, sou qualquer uma, sou fácil demais. Quando precisar, me dá um toque que eu caio direitinho. Pensa que me engana? Cantarola um tango antigo; tem tristezas, nostalgias da Argentina. Ele parece tão sensível... Olha pra mim; eu pareço entusiasmada? Não, não fala. Me abraça outra vez daquele jeito. Espera, eu mal te conheço. Pensando bem, tenho sono; já são cinco da manhã: você pode me deixar na Gávea?

Constanza de Córdoba

Entreato

Temos sono
aos poucos canso
o livro sobre mim
deitada
fecho lenta
as suas pálpebras
brancas
e a pintura negra
disfarço curiosa
evito
o ponto final.

Diana Sandes

Pranto

Nada machuca tanto
(e gera mais espanto)
do que este curto corte
da fina folha em branco.

Lucas Viriato

Cicatrizes

você.
invadiu a minha rua
pôs asas no meu telhado
como se fosse tudo
bem.

eu.
remendando sonhos
descobri haver no meu
baú
mais papéis seus
pintados de bocas cansadas
que papéis meus
escritos com as certezas em
azul.

daqui de cima vou soprando nuvens
para mesmo em vinte anos,
mesmo se nem saiba mais quem você é,
o nosso céu seja o mesmo

— ontem esqueci quem eu era
para me encontrar na sua voz.

Letícia Simões

Inversões

Não fira a tola telha e não nos tolha
Na riste da palma ou gesto de afago
Com flama mansa manejar escolha

Nunca vou de indo e vindo fico fido
Poeta Deus canhoto me fez gago
E sussurro em grito no seu ouvido

Leve, carregue de mim mais um trago
Verboso sussurripio um estalido
Lido na lida e laboro no lido
Não vem troçar de mim senão me rasgo

Expurgando tal gosto vil do amargo
Abro o peito dentro já combalido
Porque te amo: por extenso, amplo e largo
Seu do meu tudo a pena ter valido

André Capilé

CONTOS INSÓLITOS

Rem

Tenho que ir. Não sei bem para onde e, para chegar lá, vou andando. O sol matinal despeja-se sobre a paisagem e a brisa sopra nos pequenos arbustos que tremelicam verdes, ladeando o caminho. Num plano inferior, o mar é calmo e confunde-se na linha do horizonte com o céu límpido. A repentina e rumorosa revoada do bando de gaivotas pintalga a porcelana azul de branco, só o tempo exato de se juntarem e se fundirem num corpo único que corta o ar em voo descendente e direto para as águas iridescentes. Mal a grande pomba toca a superfície líquida, toma a forma de uma grande margarida branca que se desfaz, com as pétalas desprendidas se transformando em pequeninas lanchas que se afastam velozmente da corola, deixando para trás o semicírculo dos rastros encrespados. Prosseguindo no meu caminho, tenho que fazer uma parada, num ambiente interno e mal iluminado por luz artificial. Sentada no banquinho alto de lanchonete, tenho um amigo ao meu lado, e à nossa frente está disposto um café da manhã completo. Dentro do balcão, dois homens que não são empregados e sim sócios no negócio. Um deles, numa escrivaninha do lado esquerdo, trabalha sem deixar de prestar atenção aos movimentos do outro — que, de pé, remexe ora aqui, ora ali, e parece meio perdido nos pensamentos. O primeiro está atento a tudo que ocorre ao redor e não demora a perceber que o lanche não me apetece. Simpático, sorridente e comunicativo, aproveita um momento em que o outro está distraído para me oferecer, uma minipizza, que recuso. Sinto a necessidade de retribuir a gentileza e, quando vejo fatias de queijo, rodela de tomates pré-assadas, bem arrançadas em dois compartimentos de uma vitrine no alto, comento que os ingredientes estão bonitos. Ele faz que sim com a cabeça e insiste para que eu prove a minipizza. O amigo que me acompanha me incentiva e, por fim, aceita. Prontamente, o homem se levanta, vem para o balcão, abre uma gaveta, tira uma rodelinha de massa semipronta, vira para trás, pega uma fatia de queijo, outra de tomate e monta rapidamente a pizza, que me entrega, não sem antes lançar um olhar furtivo para o companheiro, que continua nos fundos, distraído. Mordisco a minipizza, sinto que

está fria e desisto sem reclamar, porque sei que não será incluída no preço.

A outra parada é numa cafeteria, onde estou sentada numa mesinha e vejo as crianças acenando, da porta de saída, que já estão indo para casa. Dentro do balcão, reconheço a moça que prepara o café e penso que a secretária do *English Course* deve estar *fazendo um bico*. Observo o líquido escuro filtrando na cafeteira transparente e sinto o cheiro que se espalha pelo ar. Vejo entrar pela porta, passar por mim um homem magro, não muito alto, pele clara, cabelos escuros e lisos penteados para trás, para se sentar à mesa situada atrás da minha, ligeiramente à esquerda. A bebida fica pronta, e a moça vem me trazer uma grande chávena branca. Pego pela asa, pronta para levar aos lábios e começar sorver, mas tenho que parar, indignada, com a xícara suspensa no ar, porque o homem sentado atrás, meio de lado, inclina o corpo para frente, junta as pontas dos dedos e as enfia dentro do meu café. Deposito a vasilha na mesa e afasto a bebida de mim, imediatamente, falando para a garçonete que levasse aquilo embora dali, porque eu não queria café que lavou mãos sujas. O homem, pela primeira vez, abre a boca.

— Elas estão limpas.

— Como podem estar limpas, se você chegou agora mesmo e nem ao menos foi lavá-las?

— Estão limpíssimas, estou dizendo.

— Quer dizer que não tocou em nada depois que as lavou pela última vez?

— Não.

— Nem no seu carro?

— Eu não dirijo mais. Na verdade, não faço mais nada depois que me aposentei.

Surpresa com a resposta, eu caio na gargalhada e fico olhando para ele, que começa a rir também. A luz de fora entra filtrada pela veneziana e faz lembrar que preciso ir. Levanto e saio.

Sueli Rios

FORMIGA

Para Jô Serfaty

sozinho

sou mais formiga sobre migalhas de açúcar e formiga que se perdeu da fila e agora vaga

formiga de uma vaguidão completa

formiga desdentada

cariada

estes inóspitos tratamentos dentários

sozinho

sou mais formiga sem nem migalhas de açúcar

mais formiga flutuante

atacada por um furacão lilás

nestas máquinas metálicas de algodão-doce

sozinho

sou nestas nuvens de algodão que derretem na boca

e me derreteria se a boca fosse tua

e se eu fosse parte deste gosto estalado

quando a nuvem carregada de chuva

explode no céu da boca e chove delícias

formiga faz bem pra vista

sozinho

sozinho

sozinho

volta

volta que sem você eu sou formiga que se perdeu da fila

volta dessa terra distante e vamos passear de antenas dadas

por estas migalhas de nuvens

que estalam como pingos de chuva

nos céus das nossas bocas

Domingos Guimaraens

O mestiço e o negro na música brasileira (4) Convidado Jonas Soares Lana

Nos anos 1970, as grandes cidades brasileiras testemunharam a febre da *black music*, gênero musical norte-americano que nasceu da fusão entre o profano *rhythm and blues* e a música gospel das igrejas protestantes. Representados por artistas de grande sucesso internacional como James Brown, Sam Cooke e Aretha Franklin, a *black music* colaborou para a disseminação de um novo padrão de comportamento relacionado a um tipo particular de moda, penteados, dança e linguagem, e a um projeto que se encontrava na ordem do dia nos Estados Unidos dos anos 1960: o estabelecimento da igualdade racial e a afirmação positiva da condição negra, defendida pelo movimento de direitos civis liderado por Martin Luther King.

A *black music* aportou no Brasil nos idos de 1970, ano do lançamento de *Tim Maia*, o primeiro LP daquele que foi um dos mais importantes compositores e intérpretes do gênero no Brasil. O disco trazia diversas canções em funk, ritmo que, anos antes da versão carioca que tem ocupado espaço importante na cena musical brasileira, marcou a música pop norte-americana com sua mistura dançante de uma bateria vigorosa e linhas sincopadas de contrabaixo. Para completar, Tim Maia adicionou metais — trombone, trompete, saxofones — que respondiam a sua dicção *possante*, cuja sonoridade remetia aos grandes vocalistas negros norte-americanos da música gospel, com os quais o cantor se familiarizou no período em que viveu em Nova York.

A *black music* no Brasil seria notada pelo grande público depois da transmissão do V Festival Internacional da Canção (FIC) da Rede Globo de 1970, vencido por Toni Tornado, como intérprete de “BR-3”, canção de Tibério Gaspar e Antônio Adolfo. Tornado levou aos telespectadores não apenas as influências da nova música negra norte-americana, como também sua imagem ainda muito exótica para os padrões da época: um penteado *black power* rebelde e um figurino colorido apresentavam um negro enorme dançando de maneira desconhecida. No ano da primeira transmissão de uma Copa do Mundo em cores, o preto parecia predominar no V FIC. Em outro momento do evento, o arranjador e maestro Erlon Chaves cantou a sugestiva “Eu também quero mocotó”, enquanto recebia beijos afetuosos de algumas jovens brancas, performance que escandalizou boa parte da audiência.

Habituada a sofrer discriminação racial nas entrevistas de emprego ou nos elevadores de serviço dos condomínios de classe média, a juventude negra brasileira encontrou no movimento *black* norte-americano uma referência importante que conferia novo significado a sua identidade, baseada no orgulho de sua condição

racial. Grandes contingentes urbanos se tornaram seguidores de artistas como James Brown, o qual pedia que os ouvintes de sua canção “Say It Loud, I’m Black and I’m Proud”, de 1968, reconhecessem sua raça e se orgulhassem disso. Poucos anos depois, a música *black* e o movimento negro ganharam força no Brasil, atingindo o auge na segunda metade da década de 1970. Em 1977 Gilberto Gil lançou *Refavela*, LP que trazia na canção homônima uma analogia entre a vida precária dos negros da África e a dos negros de outras partes do globo. Além dessa faixa de abertura, o disco traz “Babá Alapalá”, que fala, em português e ioruba, da ancestralidade africana, e a combativa “Ilê Ayê”, canção de Paulinho Camafeu que traz no título o nome de um dos mais tradicionais blocos afro de Salvador e uma afirmação agressiva do valor da raça negra: “Branco, se você soubesse o valor que o preto tem, tu tomava um banho de piche, branco, e virava preto também”.

No mesmo ano de 1977, Gerson King Combo emergia com “Mandamentos *black*”, funk que menciona a existência de um comportamento *black*, demonstrada pelas instruções de um Moisés reeditado que solicita aos ouvintes que dançam, amem, andem e falem como um *black*, e sempre usem o cumprimento *black*. Em seguida, Combo (a) dialoga com um ouvinte que interpretaria seus mandamentos como uma atitude agressiva, (b) afirma que os *blacks* não querem ofender ninguém e que o branco é a cor da paz (c) e conclui: “Eu te amo, *brother*”. Muito possivelmente, esse ouvinte teria se escandalizado com a performance de Erlon Chaves no V FIC, vendo com maus olhos as afirmações de superioridade de negros como Wilson Simonal, o qual não tinha pudor ao ostentar sua riqueza e poder sobre as multidões, fiéis seguidoras de suas apresentações apoteóticas. Isso pode explicar, ainda que parcialmente, o lamentável fim de ambos os cancionistas. Poucos anos depois de gravar a canção “Tributo a Martin Luther King”, na qual se pregava que o “negro virá/para lutar/com sangue ou não/com uma canção”, Simonal foi afastado das estações de rádio e televisão em 1971, sob a acusação de ser delator do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Destino semelhante teve Erlon Chaves, detido após ser beijado pelas louras do festival de 1970. Ambos tiveram suas carreiras interrompidas: Chaves faleceu em 1974, com 41 anos, e Simonal entregou-se à depressão e ao alcoolismo.

Quando o lema *Ame-o ou deixe-o* do Regime Militar parecia triunfar, após (a) a repressão dos movimentos da esquerda, (b) a efêmera manifestação do milagre econômico e (c) a conquista da Copa do Mundo de 1970, a canção, extenuada pelo controle da censura, semeou mais uma vez suas tempestades, com as vozes de trovão dos artis-

tas negros. Em tempos de ufanismo, a adesão à música e ao comportamento *black* internacional era interpretada pelos nacionalistas como um modismo subserviente e uma postura sectária que ameaçava a imagem do Brasil mulato, cultivada no samba desde os anos 1930.

Uma das reações dos sambistas contra o movimento *black* foi registrada no disco Quatro grandes do samba, gravado em 1977 por Nelson Cavaquinho, Elton Medeiros, Guilherme de Brito e Candeia. Em “Sou mais samba”, composição de Candeia, interpretada por ele e por Dona Ivone Lara, o refrão apresenta a opção pela identidade brasileira: “Eu não sou africano, eu não/nem norte-americano/ao som da viola e pandeiro/sou mais o samba brasileiro”. Em seguida, a canção aconselha a juventude negra a parar de utilizar expressões da língua inglesa norte-americana e afirma com ironia que “pra acabar com o tal de *soul*, basta um pouco de macumba”.

A despeito do que o verso “Eu não sou africano” pode fazer supor, Candeia foi um defensor da causa negra, produzindo “Dia de graça”, samba de 1970 que, como “Say It Loud”, defende a autovalorização dos descendentes de escravos (Negro acorda[...] / não negue a raça[...] / negro não humilhe nem se humilhe a ninguém/todas as raças já foram escravas também). Seu LP *Samba de roda* (1975) inclui diversas canções tradicionais afro-brasileiras, como “Seleção de partido alto” e “Motivos folclóricos da Bahia”, além de temas de capoeira (“Ai, Haydê” e “Paranaué”), candomblé (“Deus lhe dê” e “Salve, salve”), maculelê (“Sou eu, sou eu” e “Não mate o homem”) e o samba de roda “Por que não veio”. Sua vida e obra, porém, não determinam o significado de uma canção nem são capazes de ofuscar a tensão que “Sou mais samba” estabelece entre os sambistas tradicionais e a juventude *black*.

Esse movimento que parecia ameaçar a integridade do corpo nacional mestiço brasileiro e acrescentar uma divisão no morro, no entanto, não venceu no campo da música popular. Em pouco tempo, os conflitos foram se dissolvendo na geleia geral brasileira: a nova negritude expressa musicalmente pelo funk foi rapidamente deglutida e regurgitada sobre a forma de samba-funk, ou misturada ao baião nordestino e a outros ritmos brasileiros, por grupos como Banda Black Rio, Dom Salvador e Abolição, e pelo próprio Tim Maia. Tratava-se de mais um capítulo da História sobre captura de elementos estrangeiros pela música brasileira, tendência tradicionalmente efetuada desde pelo menos o final do século XIX, quando a polca europeia transformava-se no maxixe.

E assim constata-se o vigor da música e da cultura africanas, as quais transbordam as fronteiras políticas e econômicas que separam as Américas.



Remix musical número 1

Leros e leros. Que só me dão tédio.

Hoje está passando um filme de terror. O horror, o horror.

Que mulher danada essa que eu arranjei. Só me enche a paciência. Ontem, quando eu cheguei em casa, às sete horas... ela não estava.

Pobre meu pai. Mas está ficando rico.

Por trás dos edifícios. Há mais edifícios. E é difícil.

Eu tenho os dias contados, isso é certo, e não pela morte inevitável de todos nós, mas pela minha morte mesmo, mais inevitável ainda.

Fugi pela porta do apartamento. Estava muito sufocado.

Viajei de trem. Não de metrô.

O ar poluído polui ao lado. Tudo me parece poluído hoje em dia.

Viajei de trem, eu viajei de trem. Não de carro.

Um avião pousou em Marte. Quero ir para Marte.

Viajei de trem. E não de avião.

Quería estar perto do que não devo. E, às vezes, estou mesmo.

Seus olhos grandes sobre mim. Coisa linda.

Suje os pés na lama. Os meus já estão imundos.

Os automóveis estão invadindo. Haja engarrafamento. Entre as flores escondidas. Acho que o tempo é mesmo de esconder as flores. O auditório aplaudiu a canção. Não era minha, claro. Que eu estou no paradeiro... no paradeiro de quê?

Não é vivendo que se aprende, Odete. Mas a gente vai vivendo. E não aprendendo.

Há quem diga que eu dormi de touca. Desperdicei, mesmo, aquele que seria o período mais bonito de minha vida. Há quem diga que eu não sei de nada. Deve mesmo ser verdade, já que desperdicei parte de minha juventude. Eu, por mim, queria isso e aquilo.

Mas não consegui muita coisa. Eu quero é botar meu bloco na rua. Mas ele está mesmo no meu quarto.

Meu nome é Raulzito Seixas. Mas nem gosto das minhas músicas.

Rodrigo Cazes Costa

NOTAS NO PLÁSTICO

por MAURO FERREIRA

Gil assina a trilha de filme sobre o clã Gonzaga

Dez anos após abordar a obra de Luiz Gonzaga (1912-1989) na boa trilha sonora do filme **Eu tu eles** (2000), Gilberto Gil — visto em foto de Beti Niemeyer — aceitou convite para assinar outra trilha sonora de cinema que vai pôr novamente o compositor baiano em contato com o repertório do Rei do Baião. Gil vai criar a trilha sonora de **Gonzaga — De pai para filho**, o filme de Breno Silveira que vai contar a conturbada relação familiar e musical de Luiz Gonzaga com seu filho Luiz Gonzaga do Nascimento Jr. (1945-1991), o Gonzaguinha. As filmagens vão começar em 2011, sob a direção de Breno Silveira, que assinou a fotografia de **Eu tu eles**.

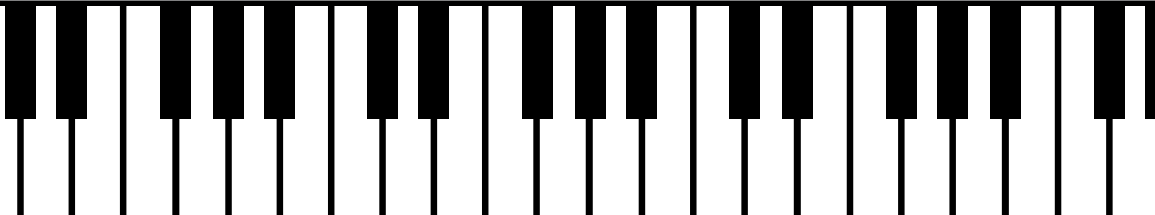


Adriana Maciel vai regravar músicas de Marley



A cantora carioca Adriana Maciel pretende dedicar seu quinto álbum inteiramente ao repertório de Bob Marley (1945-1981). A ideia da intérprete — vista em foto de Ana Paula Oliveira — é abordar com liberdade temas do mais importante compositor jamaicano, afastando Marley da praia habitual do reggae. O último CD de Adriana, **Dez canções**, foi lançado em novembro de 2008.

Para ler mais notas musicais, acesse <http://blogdomauroferreira.blogspot.com>



Toda última quarta do mês às 20 h
com o quadro *Espaço Plástico Bolha*



<http://cep.zip.net>

Teatro Sérgio Porto, Humaitá, Rio de Janeiro

LIVRARIA
Leonardo da Vinci 
Desde 1952

www.leonardodavinci.com.br

Av. Rio Branco, 185 – Subsolo – Ed. Marquês do Herval
Centro – Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 2533-2237



Carta para Ana

I.

Tão estranho não ter a quem escrever, Ana. Todos da casa se foram. Carlos casou-se; Vitória foi tentar a vida na cidade. Sobramos eu e a mãe, a casa toda atrás de nós. A mãe não pode ler, está cega e vive me pedindo ler ou contar-lhe alguma história. Estou sem histórias, Ana. Não consigo mais contar da morte do pai que inventei

(o canalha na verdade se foi)

aquele funeral fictício, eu chorava e a mãe também ao meu lado no meio do cemitério, sem mais ninguém por perto

— Seu pai não era querido, Joel?

— Era sim, mãe, e o caso é que o enterro caiu em dia de semana e fica difícil pro povo faltar o serviço

a mãe pedindo-me que lhe vestisse de preto todos os dias por causa do luto, eu sentindo raiva daquele desgraçado que nos deixou, deixou-me com minha mãe cega e com dois alugueis atrasados da casa, estamos sem televisão pois cortaram a eletricidade, disse à mãe que o aparelho quebrou, disse que não precisamos de TV afinal posso contar-lhe histórias e temos o rádio de pilhas para ouvir, mas estou sem histórias

(já não escrevo, minha mão não presta a não ser para escrever a você cartas que nunca enviei, todas as minhas memórias que rasgo dois dias depois)

minha mãe perguntando-me como está a cidade, se o futuro já chegou por aqui, pedindo-me que a leve ao rio mas não há mais rio, secou como todos sabem, o rio em que eu e você tomávamos banho, está lembrada, Ana?, divertíamos-nos brincando de cabra-cega, mergulhávamos como um dia vimos na TV que transmitia as Olimpíadas, e você me prometia que quando crescêssemos iríamos juntos para a cidade, sobramos eu e a mãe, a casa toda atrás de nós, e não sei ainda para que cidade você foi. A mãe perguntando-me por você

— Joel, que é feito da Ana?

— Morreu

informo-lhe, como se nunca o tivesse feito, e ela se choca a cada vez que dou essa mesma notícia, você morreu e enterrou-se só em alguma cidade que desconheço, a mãe vestida de preto olhando para o nada, a escuridão à sua frente, fazendo mais um cachecol de tricô sem serventia alguma na quentura deste sertão.

Não posso mais ouvir música, acabou-se a pilha do radinho e minha mãe canta um velho hino de sua igreja, como pode a velha ainda ter fé no meio desse calor sem mato, sem rádio, sem televisão, a mãe canta como se tivesse seus quinze anos, cantora de coral, disseram uma vez que a levariam para cantar na cidade grande, meu pai se apaixonou pela cantora e não a deixou sair do sertão, aquele canalha que agora nos abandonou, morreu, o enterro fictício, minha mãe de preto cantando na volta para casa, pedindo-me uma história, cantando que existe a esperança, que o céu tem rios que não secam, o São Francisco seco e ela querendo

tomar banho, cantando e ensaiando com as mãos secas as notas no piano que também sabia tocar, mexendo os dedos um a um como quando faz tricô, e eu assistia com lágrimas nos olhos, Ana, como quando você se foi e não disse adeus, as mãos inchadas, fortes e fracas da minha mãe, estava vestida de preto e cantava enchendo os pulmões, levantando, rodando pela casa, esbarrando na TV que não funciona mais, a velha iluminava a casa e sorria, que no céu há rios que nunca secam, cantando e tocando piano, como pode ainda ter fé a desgraçada, Ana?

Eu inventando como foi que o pai morrera, dizendo que tomasse cuidado para não cair e ela rodopiava, minha mãe com quinze anos cantando no coral, dançando a valsa com meu pai

aquele

minha mãe que devia tomar dois remédios por dia mas não tenho o dinheiro, não tenho mais histórias nem luz, minha mãe dançava sozinha, sem marido, ela era luz e sorria no meio da casa sem flores, como quando éramos crianças e ela cantava para nós de perto, dizendo que não nos preocupássemos que a primavera já chegava, que a chuva já vinha, que o pai já conseguia um emprego, minha mãe comigo no colo rodopiando pela casa festiva, as lágrimas saindo-me dos olhos, não conseguia pará-la, eu desistindo de alertar-lhe a respeito dos objetos no seu caminho, girando e enfim sorrindo também, como no dia em que você me disse que éramos gigantes, que nunca morreríamos ou nos separaríamos, Ana, como quando você me disse que tão logo crescêssemos iríamos juntos para a cidade grande.

II.

Ontem fui até o rio, Ana, ou o que costumava ser o rio, e atirei-me à lama que substituiu há algum tempo a água que lá pousava. Saí todo sujo, os meninos correndo gritando

— Tia, tem um maluco lá no rio

e eu não sei mais se sou louco ou normal, a mãe diz que sou o preferido, que só eu mesmo pra ficar ao lado dela cega, as pessoas chegando até nossa casa pra vê-la

— Dona Neusa, está tudo bem com o Joel? Ontem ele ficou rodando deitado no rio parecia um maluco

minha mãe sentando

— Não mentira não pode ser o Joel

eu me aproximando dela, perguntando o que havia acontecido, explicando que esse povo é que é doido e fica inventando história pra perturbar a gente

— Está certo filho você pode ir à feira comprar dois quilos de batatas e alguns jilós?

comprei meio quilo e um jiló mas disse à mãe que fiz tudo como ela pedira, o dinheiro acabou mais uma vez, Ana, a Vitória ingrata nem pra aparecer aqui em Pão de Açúcar ou ao menos mandar um dinheirinho, já deve estar rica lá em São Paulo, o Carlos nem quero pensar, tomara que nunca consiga ter aquele filho, só de pensar no que ele fez com você, Ana, coisa de animal, nunca vou perdô-lo mesmo que você volte aqui me pedindo de novo, dizendo que você consentiu, já disse que não sou homem de retirar minhas palavras

— Joel, olha... ontem eu e o Carlos

fui revoltado ao encontro do idiota que não entendeu nada quando recebeu um soco no meio do rosto e nunca mais lhe dirigi a palavra, nunca mais, nós dois na mesma casa se esbarrando, o Carlos tentando falar alguma coisa, e eu passava por ele mudo sem nem olhar nos olhos, você

— Joel, olha... ontem

sem pudor, sem vergonha, hoje eu penso como você pôde, Ana, depois de tudo aquilo, que nunca nos separaríamos, eu dormia pensando em você, no seu biquíni amarelo, pensava em nós dois em Pão de Açúcar, nosso casamento na Igreja Batista seria bonito e teria flores por todo lado, as damas de honra poderiam ser as suas sobrinhas, o arroz, você entrando deslumbrante pela porta, o pessoal do coral cantando e minha mãe provavelmente não resistiria, eu dentro de você, nossos filhos, tudo isso se perdeu, Ana, se perdeu quando você

— Joel, olha

se foi, não te vi mais, seus olhos me lembravam a cor do São Francisco, a palma da sua mão branca, sua pele mulata que dava até medo de abraçar. Hoje tenho uma mãe cega, uma TV que não funciona, um radinho sem pilhas, alugueis atrasados e mais nada depois que você se foi, fugi naquele dia de chuva que todos esperavam menos eu, em dias assim o rio voltava a parecer com o que já fora

— Joel

não quis ouvir

— Jô

e hoje te escrevo porque preciso te ouvir. Pergunto-me se algum dia terei um destinatário, se terei teu endereço, Ana, e finalmente não rasgarei minhas cartas e minhas memórias dois dias depois.

III.

Ana, resolvi parar de rasgar minhas cartas. De agora em diante vou guardá-las no armário para o caso de um dia você voltar e poder, quem sabe, dar de cara com elas ao vir me visitar, dizendo que estava de volta a Pão de Açúcar, que não aguentava mais estar longe de mim, que aquilo tudo com o Carlos não havia sido nada, que suas sobrinhas seriam nossas damas de honra e espalhariam arroz por toda igreja, que você quis ligar e enviar cartas mas não conseguia de jeito algum lembrar meu número e meu endereço, que estava com saudades do São Francisco e não podia acreditar na lama em que o nosso rio havia se transformado.

IV.

Estou mergulhado neste rio de memórias, Ana, nas quais me perco. E já não sei se nos beijamos ou se era apenas a minha vontade, já não lembro por que brigamos, por que soquei o Carlos, por que você partiu. Tudo que agora conto e recordo terá de fato acontecido?

Miguel Del Castillo

DESAFIO POÉTICO

Nesta edição, nossos bravos leitores foram convidados para escrever um poema com base em um filme. O resultado foi bem variado, com poemas enquadrando de Truffaut ao novo filme da Alice no País das Maravilhas. Prepare uma pipoca, ajeite-se na cadeira que o filme já vai começar! Para a próxima edição, o desafio será escrever um poema que contenha as palavras *plástico* e *bolha*. O tema e a forma são livres!

casa de areia

duna do nada
além de tudo
miragem dourada
reflexo mudo
da lua na terra
deserta e alagada
areal do real
a casa de areia
a cada momento
semeia ideias
no ventre do vento
do espaço sideral
os passos perdidos
pelo homem afora
passam despercebidos
por outrem... ora
a passagem do tempo
pela paisagem parada
a paisagem do tempo,
a passagem parada

Gringo Carioca

Um Cão Andaluz

explosões oníricas
o olho na navalha
desfiando os atos
a mão: vontade de matar,
formigas do assassinato
que talvez sejam o próprio
retrato
do nosso impenetrável ser

Felipe Ribeiro

3 macacos

não vê o andarilho
temerário atravessando
teu destino
na boca da noite
não ouve o clamor
do corpo moldado
pela fúria e a sede
dos olhos cansados
nada te revela
a surda palavra
e a palma da velha
falta de amor e ódio

João Lima

Truffaut para dois

A vida que passa
O rio que corre
Os pássaros voam
E o tempo não perdoa
Viver e aproveitar os momentos
Ter um amigo e uma amada
O ímpeto do amor sem o ciúme
dos passionais
Preservar uma amizade de anos
atrás
A guerra não destruiu,
Um coração dividido.
Dela o sentimento não ruiu.
A dicotomia do romance
O amante amigo e o amigo
amante
Para sempre juntos, Jules,
Catherine e Jim
Jules e Jim

Carlos Júnio

Um tango brando.
O último
Em Paris compassando.

Thiago Rocha

O espelho através de Alice

Qual o nosso verdadeiro tamanho?
Alice me sussurra não saber
Quando o mundo parece engolir nosso
corpo
Haverá um cogumelo a me fazer
crescer?

Se a realidade se traveste em sonho
E se no sonho sinto o beliscar
Como saber se durmo?
Como fazer para acordar?

Mal caminhei e me sinto cansada
Se não sei para onde estou indo,
E o relógio me julga a todo tempo
atrasada
Qualquer lugar já me parece um bom
destino
E só me importa o chegar...

É uma menina que habita meu corpo
que envelhece
Ontem tomei um chá de certeza
E ele amanheceu turvo em cima da
mesa
Acho que estou louca: acontece.

Minha mente vem digerir minha sede
por novidade
A minha cabeça está posta a prêmio
Até eu resolver a grande charada:
Afinal, quem sou eu?

A resposta brinca de gato e rato
O rato está atrás do gato
E eu nem sei por onde começar
(Quanto mais eu procuro, mais ela se
esconde de mim)

“Comece pelo começo, siga até o fim, e
então pare”

Aline Osorio

Envie seus poemas para
jornalplasticobolha@gmail.com

Fúria dos Titãs — leituras entrecruzadas

No início havia Caos, o vazio primordial, anterior à criação, uma *rudis indigestaque moles*, uma massa bruta, disforme e desordenada. Antes do mar e das terras e do céu, que cobre todos e tudo, o aspecto da natureza era o de uma massa caótica, mistura de elementos não bem unidos e discordes entre si. Ainda não existia o Titã Hipérion nem seu filho Hélio para iluminar o mundo, nem a Titânida Febe ostentava seus novos cornos no crescente lunar. A Terra, equilibrada por seu próprio peso, ainda não pendia no ar circundante; nem Anfitrite espriava seus braços margeando ao longo os litorais das terras. Nenhum elemento conservava sua forma, e cada um era um obstáculo para os outros: em cada corpo o frio lutava com o quente; o úmido, com o seco; o maleável, com o duro; o pesado, com o leve. Onde existia terra, mar e ar a terra era instável; o mar, inavegável; o ar, privado de luz. Um deus — e uma natureza melhor — dirimiu a luta. Na verdade, separou as terras do céu e o mar das terras, e separou o líquido céu do espesso ar. E, após ter libertado do confuso e tenebroso Caos esses elementos, já dissociados e dispostos em seus lugares, o mesmo deus uniu-os em paz e concórdia.

Mais ou menos assim, oito séculos depois de Hesíodo, Ovídio concebe a cosmogonia em suas *Metamorfoses* — a força da intenção poética em luta contra a racionalização físico-filosófica de seu tempo; não mais a poética antropomorfia nem a cósmica força de Eros. Este é o deus que, em Hesíodo, promove a divisão e ordenação dos elementos; ou simplesmente *um* deus, segundo Ovídio, a fim de não se comprometer com nenhuma das discussões filosóficas de seu tempo. Em outras palavras: a fim de não racionalizar em demasiado sua poesia, Ovídio deixa em aberto, ao encargo do leitor, a decisão de a qual deus atribuir o ato da criação. E assim a força cósmico-criadora pode até hoje receber qualquer nome. Apesar de os sistemas filosóficos panteístas terem limitado Ovídio, cabe-lhe, em última instância, o mérito da sábia perspicácia poética de que ao inominável não é possível dar nome.

Ovídio, após discorrer sobre a separação dos elementos físicos (fogo, ar, terra e água), descreve a formação do globo terrestre e do universo, a criação do homem e as quatro idades da humanidade e, só então, menciona os Gigantes, que tentam conquistar as regiões celestes e subverter a ordem criada. O traço que os caracteriza é a violência.

“E nem o elevado éter devia ser mais seguro do que a Terra, pois os Gigantes — dizem — quiseram apoderar-se do reino celeste, amontoando os montes até os astros. Então, o pai onipotente, lançando o raio, despedaçou o Olimpo e derrubou o Pélion de sob o alto Ossa. Soterrados os corpos monstruosos sob os seus montes, a Terra, empapada do sangue de seus filhos, insuflou — dizem — a vida àquele sangue, ainda quente, e, para que não desaparecesse de todo a sua estirpe, **deu-lhe o rosto humano**. Também aquela geração, contudo, desprezou os deuses e se mostrou violenta, ávida de crimes e morticínios; via-se que nascera do sangue” [*Met.* I, 151-162].

A Gigantomaquia (luta de gigantes) ovidiana corresponde à Titanomaquia (luta de titãs) hesiódica. Em Hesíodo, os Gigantes são seres de força descomunal e aspecto terrível, gerados por Geia, a Terra, do sangue de Urano, que a atingiu ao ser castrado por Crono. Os gigantes são também titãs, nome atribuído a todos os filhos de Urano, mas gerados pela violência da primeira cisão cósmica (a castração), em oposição aos Titãs que haviam nascido desordenada e ininterruptamente do enleio amoroso-erótico do primeiro casal Terra-Céu. Tanto os Gigantes quanto os Titãs representam as forças primevas do universo, descontroladas e sem um curso fixo. O titã Hipérion é o Sol (fogo) desgovernado, sem rota certa, em oposição a seu filho. Hélio é o mesmo Sol, mas num carro celeste percorre uma trajetória constante, que se inicia no oriente (*oriri*, “nascer”) e termina em seu mergulho no Oceano, no Ocidente (*occidere*, “morrer”). É, pois, um símbolo da alternância do dia e da noite, num ritmo cósmico previsível, imutável e harmônico, que corresponde ao ciclo biológico de todo ser vivo, composto de dois extremos: nascer e morrer. A luta desses elementos ou forças cósmicas constitui a Titanomaquia. Zeus, um cronida, luta contra essas forças primevas e desordenadas a fim de instaurar o *kómos* — a beleza, a harmonia dos elementos ou das forças primordiais para o ciclo biológico da vida. A luta ou violência tem aí um sentido, por assim dizer, progressivamente construtivo: do Caos nasce o *Kósmos*.

Já em Ovídio a Gigantomaquia, enunciada acima, emenda com a história de Licaão, um ser mortal primeiro, violento assim como seus filhos, que comete um ato de impiedade contra Júpiter/Zeus, que, em desafio, pune os seres humanos com a extinção, caracterizada pelo dilúvio.

O que nos desperta estranheza na leitura dos dois poetas (ainda que separados por oito séculos) é a infidelidade de Ovídio a seu modelo grego primeiro. Por que reduzir tão drasticamente o episódio da Gigantomaquia? A resposta encontra-se nas próprias concepção e ordenação do poema escrito pelo autor latino: após ter narrado a cosmogonia, a separação e a ordenação dos elementos, a criação do homem, e a quarta idade da humanidade, a de ferro, a idade da violência, vem *Gigantomaquia*, sinônimo da violência pura de ordem física, mas exercida por seres nascidos da Terra com rosto humano. Logo, a violência torna-se miticamente uma característica própria da espécie humana e os Gigantes, uma primeira e portanto violenta raça humana, da qual o portentoso Licaão é a face antropomorfizada, mas logo zoomorfizada por Júpiter/Zeus, que transforma Licaão em lobo.

O rosto humano da violência! *A Fúria dos Titãs!* A que lamentável reducionismo ou niilismo estamos condenados? Se a linguagem poética dos tempos míticos não mais nos comove ou alcança e nos iguala a Ovídio, entravado pelo progresso do cientificismo, o que nos resta: a fúria? Só que nosso planeta, nossa morada, de cuja origem os mitos falam, necessita de *paz e concórdia* — em outras palavras, de equilíbrio, de bom senso, de vontade política — para sobreviver. A fúria dos elementos — terremotos, ondas gigantes, furacões e tornados — estão em diálogo direto conosco, alertando-nos de que fúria desperta unicamente fúria — e destruição.

O negro sangue de Geia volta a gerar; transforma-se no terrível Tifeu ou Tifão, filho mais jovem de Geia, gerado em sua união com as profundezas dela mesma: o Tártaro. Suas cem cabeças têm formato de víboras; seus duzentos olhos faiscantes expõem chamas; seus braços e pés infatigáveis estão sempre dispostos a ações violentas; sua enunciação, que se alterna entre voz e rugido bestial, dissemina o horror; suas obras incombateveis se assemelham ao lamentável vazamento de petróleo que ocupa nossos Gigantes modernos. Os ossos de Geia tornaram-se fonte de disputa nas mãos dos Gigantes (deitados em berço esplêndido ou não), que encenam titanomaquias pelo poder. Tifeu, Encélado, Efiltes ou Kraken são todos nomes de um mesmo monstro ou violência. Todos habitam o mesmo espaço, e somos nós que os despertamos. Com efeito, Astreia, a virgem portadora da paz e da concórdia, realmente abandonou este mundo de gigantes em fúria, como já dizia Ovídio.



Virgínia

Para V. R-M.

O avião voa
sobre o Atlântico.
Olho para o céu
Nem um pássaro
passa sob o azul.

Em quem pensa Virgínia
nesta tarde clara?

Seu sorriso branco
não encontra nuvem
que o corresponda.
Onda após onda
o oceano acena para ela
que nem vê, distraída
na janela.

O pensamento voa
sobre o Atlântico.
Olhos no céu
coração suspenso
entre continentes.

Em quem pensa Virgínia
nesta tarde clara?

Dado Amaral

Nota da manhã

Comendo sem dó, cuspiendo lá.
Rindo de todo sol que bate na corda.

Esse despropósito musical sem pares
é o que ouço todas as manhãs.

Na letargia de uma sinfonia desconexa
que nem Cage conseguiria subverter.

Caindo em pontes, escorrendo em transições,
forço riso, forte traço melódico e melodramático.

Sem fé ou ré realizo o trancar de cara e porta.
Sem si me perco na batida da rua.

Luiz Fernando Priamo

Humano

O epifóbico destrocou-se
de remedo: a catagalopada do
circundistante pós-sonho multifez-se insussurro;
três endofugas de Shostakovich
autometafixaram em
vizomar transsonido;
par-olho entrefechou-se-desfechou-se
euborboletado para inver: relonge;
o equiescuro contralumiu-se
num inflexo supraepidérmico
de um calvo plurissentado.

— Largou a análise.

João Inada

Produção Textual		Letras		Discurso	
Poesia	Literatura	Formação de Escritor – 3 anos			
		Formação de Tradutor – 4 anos			
		Formação de Professor – 4 anos			
		Português e Literatura			
		Português e Inglês			
		Tradução		Roteiro	
				Leitura	
Departamento de Letras – PUC-Rio (21) 3527-1444/1445/1447 letgra@let.puc-rio.br www.lettras.puc-rio.br					

o plano odontológico de marcinha

marcinha sorri satisfeita
não
marcinha gargalha das suas piadas
com visível exagero

os dentes brancos de clareamento
(marcinha usou aparelho)
se confundem com a louça
do banheiro

quando casarem você também
terá convênio
e poderá finalmente arrumar
o sorriso

Ana Guadalupe



Raïssa Degoes



Raïssa Degoes

porta-joias

nessa noite, digo, em quase todas
tenho um sonho horrível
como se acordasse
fosse até a pia do banheiro
lavasse o rosto
e ao enfrentar-me ali
de cabelos revoltos
os dentes cairiam um por um
dominós em série
tentaria em vão segurar as pequenas
peças com as mãos
malabaristas, desastradas
que não conseguiriam deter
a porcelana
sugada com força total pelo ralo
meus dentes pelo ralo, os brincos
de marfim que vovó
separou pra mim

Alice Sant'Anna

Ruy Espinheira Filho: Um poeta real e simples

Impossível ler os poemas de Ruy Espinheira Filho e não se sensibilizar diante de seus questionamentos. O poeta está sempre disposto a um diálogo igualitário, sem o distanciamento muitas vezes estabelecido entre escritores e leitores. Assim, nada mais natural que ele fale de *sentimentos humanos em linguagem humana*, tal qual o fez Manuel Bandeira. Nesta conversa, ele nos esclarece seus principais campos temáticos e nos convida para visitar sua *fabulista memória*.

Heléboro (seu primeiro livro, de 1974) já traz várias tendências de sua poesia, como a busca pela junção entre *memória e recriação*. Qual a relação entre sua poesia e a passagem do tempo?

Jorge Luis Borges dizia que todos os animais são eternos, menos o homem, porque este possui o conceito de tempo sucessivo — ou seja, tem consciência da passagem do tempo, com o qual leva a vida. A vida, sim; não apenas as coisas — como escreveu Ovídio. Em outras palavras: nos leva à morte. E esta é nossa angústia maior: a consciência da morte. Assim, como todo o mundo, desde cedo me senti participante desse drama. E, como escrevo com a vida, é claro que a consciência do tempo teria de estar presente. Quanto ao passado, é a única coisa que realmente possuímos — e que a fabulista memória vai tornando mais preciosa. Enfim, escrevo com o que há de mais forte em mim: o sentimento do efêmero e a memória. Que é o que somos todos nós: nossa memória; nosso passado. Encerrei o poema “As meninas”, de *Julgado do vento*, com este verso: “O passado não passa”.

Você lançou livros de crítica sobre Jorge de Lima, Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Qual a influência da leitura desses e de outros poetas em sua poesia?

Influenciaram-me muito os três, pois eram mestres de poesia. No caso do Mário, sua influência foi mais crítica, ensinando-me, por exemplo, que a originalidade está em nós mesmos. Jorge de Lima e Bandeira foram mais mestres de poesia propriamente dita. Mas recebi e recebo a influência de muitos outros autores — como Camões, Drummond, Vinícius, Cecília, Sósígenes Costa, Carlos Pena filho e até Olavo Bilac, para só ficarmos nos escritores de língua portuguesa.

Ainda no que se refere à relação entre *memória e passagem do tempo*: a recordação de tudo que fora perdido é concomitantemente agonia e bálsamo?

Lembrar pode ser, mesmo, um desespero — sobretudo por não podermos assumir de forma total esse tempo contemplado, evocado, ou não suportar, como dizia Camões, *a grande dor das coisas que passaram*. E que, como já foi dito, porque passaram não passam nunca... Sim: a recordação é às vezes bálsamo, às vezes agonia. O outro verso que você citou ilustra o que falei há pouco sobre a memória e o passado: é claro que o que se foi é mais pleno, pois já está inteiramente realizado, cumprido; enquanto

o presente e o que podemos chamar de futuro não chegaram a tal realização — ainda se encontram em processo ou apenas em estado de expectativa, anseio, sonho.

A recordação da mulher amada é tema de alguns de seus poemas — ora com perfis femininos que lembram semideusas, ora tangível, humana. Essas duas vertentes caminham juntas? É possível que as almas se entendam tão bem quanto os corpos?

Não me acho diferente dos outros no caso da poesia amorosa. O que

acontece é que as mulheres são *bruxas* — como dizia Nikolai Gogol —, as quais tanto podem ser deusas, semideusas, quanto carne terrestre vibrante de sensualidade. Para mim, as mulheres são capazes de tudo, podem ser tudo, inclusive num só tempo. Sou grato a elas até pelos momentos de angústia, porque esses transes cruciantes também me enriqueceram. Quanto ao entendimento das almas, Manuel Bandeira achava que não era possível — e quem sou eu para discordar do mestre?

Sua infância nas cidades de Jequié e Poções foi algo fundamental em sua vida, sobretudo como poeta? Qual sua relação com esse período da vida? O menino ainda existe no homem?

A infância foi em Poções; a adolescência, em Jequié. Houve magia, sim; e muita, nesses meus dois períodos de vida. Na verdade, houve magia em minha vida toda — e ainda há. Às vezes é uma magia cruel, mas *magia*; pois a vida não tem sentido, não tem lógica. Só a magia pode dar-lhe sentido — o sentido da magia. Nunca aceitei bem a separação entre *sonho e realidade*; sinto-me cada vez mais inclinado a concordar com Calderón de la Barca: “*La vida es sueño*”. Quem me prova que não é?

Elegia de agosto foi premiado em 2006 pela Academia Brasileira de Letras, além de ter obtido o segundo lugar no Jabuti daquele ano. O que esses prêmios representam para sua poesia?

Creio que são um reconhecimento. Como não sou um poderoso na política da República das Letras, não passando de um nordestino que vive no Nordeste, devo concluir que a obra foi premiada unicamente por sua qualidade literária. Infelizmente, porém, tais premiações não ajudam em nada quanto à vendagem, o que é um fenômeno tipicamente brasileiro. Para piorar, estamos vivendo um tempo acrítico — quase não há crítica literária no país. Há resenhas, mas muitas vezes escritas por pessoas sem preparo para analisar e emitir opinião. E também há muita *ação entre amigos* — o que é ótimo para a promoção da mediocridade. Meu livro foi triplamente premiado — pois houve também uma Menção Especial da UBE-RJ — e só recebeu uma crítica: a de Miguel Sanches Neto, publicada na Gazeta do Povo, do Paraná, e no Jornal do Brasil. Aliás, Miguel foi também o autor das orelhas do livro. Como ele é um grande crítico — além de poeta, romancista, contista, ensaísta —, fiquei muito honrado com os dois textos. Considero-os, por partirem de escritor como ele, uma consagração.

Em várias ocasiões sobressaem poemas em que o espaço fúnebre é utilizado como reflexão sobre a validade do estar vivo, já que todos caminham para o fim. Qual a relação entre a temática da morte e sua poesia?

Já disse que a morte é nossa angústia maior. Consientes dela e não encontrando uma explicação para a vida, muito menos um sentido — tirante o sentido que damos a nós mesmos com nosso trabalho, nossos princípios, nossos sonhos etc. —, impossível evitar tais reflexões, questionamentos, perguntas dirigidas aos céus e aos abismos. Como sou poeta, é sobretudo na poesia que visito tais temas. Saio deles perplexo, sem certeza de nada; mas nunca disse, como Manuel Bandeira, que a vida não vale a pena e a dor de ser vivida. Aliás, o mesmo Bandeira escreveu que a vida é um milagre. E eu já falei das magias... E, se há magias, vale a pena, sim.

Quer mais? Para ler a entrevista completa, faça-nos uma visita no *Blog do Bolha*. Basta acessar jornalplasticobolha.blogspot.com



ANSIEDADES QUANTO A UMA ACADEMIA

- I.
inscrevo-me no plano trimestral
atividades aquáticas:
duas sessões de hidroginástica
e uma de natação
por semana
durante (o que se obvia) três meses.
- II.
das turmas de natação
(me entregam o demonstrativo na secretaria)
escolho a *Medo D'Água*
todas as quartas pela manhã
com o professor Tomás
a quem já ouvi chamarem Tômas
o que me constrange
não sei como me dirigir a ele
professor?
- III.
a turma *Medo D'Água*
todas as quartas pela manhã
consiste de mim e de Ada
gaúcha septuagenária
fóbica
cujo desempenho
cotejado com o meu
deixa muito a desejar
(pareço dominar
o conceito de horizontalidade
melhor que Ada)
- IV.
Professor Tomás
ou Tômas
me faz pôr os pés de pato
embaixo d'água
pergunta quanto calço
respondo quarenta
na verdade trinta e nove
mas meus pés são gorduchos
- V.
tenho medo de tirar os óculos
porque eles fazem um vácuo incômodo
em torno dos olhos
- tenho medo de tirá-los
e os olhos juntos
caindo à beira da piscina
ou na própria piscina
assustando as criancinhas que aguardam
perto do chuveiro
e as senhoras da hidroginástica
(Ada desmaiando)
eu nunca mais seria qualquer outra
coisa que não o sujeito cujos olhos
saltaram das órbitas à beira da piscina
sugados pelo vácuo que os óculos fazem
em torno dos olhos
ao serem retirados
meus óculos fabricados na China
- VI.
metido nessa sunga insensata
tamanho G
(sinto que decepcionei os funcionários
da loja de artigos esportivos
meu excesso de corpo não se nota assim
à primeira vista
há táticas como se sabe
tons escuros listas verticais)
os óculos que puxam meus olhos
e a touca que me comprime as ideias
pergunto ao professor se ela deve cobrir
também as orelhas
o que já me parece excessivo
Tomás (ou Tômas) recomenda que eu use
um tampão
isso também me parece excessivo
- VII.
um lance de escadas aparta
o parque aquático
do vestiário masculino
tenho de ganhar
essa distância
subjugá-la
metido numa insensata sunga
tamanho G
às mãos a touca e óculos
pendendo úmidos
não tenho roupão
o vestiário masculino me apavora
é possível que no longo desse poema
eu não tenha tentado tratar
- de outra coisa que não
meu pavor meu absoluto pavor
ao vestiário masculino
coisa que até agora não fiz
- VIII.
talvez esse poema seja sobre a nudez
(modalidade do corpo
que não costumo praticar
com muita frequência)
ou sobre todas as modalidades
do corpo que não costumo praticar
com muita frequência
todo esse *potencial* do corpo
que não se realiza
de inopino as mãos do professor Tômas
ou Tomás
em cima de mim
embaixo de mim
e minha cabeça enfiada n'água
já que não estou tendo uma experiência erótica
não absolutamente não estou
- IX.
o servente
no vestiário masculino
me olha
de alcateia
não posso lhe pedir que pare
que pare imediatamente com isso
porque provavelmente não é o caso
estou imaginando coisas
estou sempre imaginando coisas
o servente no vestiário masculino
não me olha de alcateia
não absolutamente não me olha
(por que um? por que outro?)
mas é com muita consciência
que opto por não tirar a sunga
ao me enxugar
(na rua a marca d'água
na bermuda)
- X.
bom trabalho, Ismael!
meu nome é Ismar

Ismar Tirelli Neto